

Produzindo outras subjetividades nos estudos organizacionais brasileiros

Susane Petinelli-Souza
Mônica de Fatima Bianco

INTRODUÇÃO

Trataremos a respeito das contribuições de um grupo de pesquisa que iniciou seus trabalhos já no século XXI. Apesar de poder ser considerado um grupo recente, principalmente, se comparado a outros grupos existentes há décadas, vem afirmando certas posturas em relação aos conhecimentos produzidos e em relação aos métodos e instrumentos metodológicos utilizados.



Numa recusa à indiferença e à naturalização dos processos hegemônicos no campo da Administração e dos Estudos Organizacionais o grupo de pesquisadores vem resistindo a determinadas simplificações e identidades rígidas e fixadas.

Mas, como iniciar um ensaio para tratar de um grupo de pesquisa, cujos passos iniciais se confundem com o início do próprio Programa de Pós-Graduação ao qual está vinculado? Como falar de um sem acabar mencionando o outro? Tarefa impossível. E ainda nos perguntamos: de que modo trazer à tona os múltiplos caminhos percorridos pelo grupo até chegarmos à sua configuração atual?

O itinerário traçado para poder pensar essa trama iniciou-se com um resgate da história do grupo de pesquisa que teve seus trabalhos começados alguns meses após a abertura do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFES, em 2000. Este Programa permaneceu com apenas este grupo de pesquisa NETES (Núcleo de Estudos em Tecnologias de Gestão e Subjetividades) até o ano de 2012 e desde o início das suas atividades partiu do pressuposto de que a gestão pode estar baseada em princípios ético-morais e democráticos e ainda permitir um excelente desempenho organizacional.

Na época, o estado do Espírito Santo, mesmo no âmbito da Universidade Federal, ainda não havia construído uma tradição em pesquisa, pelo menos não na área

de Administração. Para que o projeto do PPGAdm-UFES fosse possível de ser implementado, e com isso, a constituição do NETES, uma rede foi feita com professores de outros cursos da universidade e mesmo com colegas de área via ANPAD (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração). No Programa, outros campos do saber vieram a contribuir com as discussões que ali aconteciam: Ciências Sociais, Serviço Social e Psicologia.

Ao invés de um Programa de pós-graduação ancorado em linhas tradicionais da Administração, que poderia entrar num processo de competição com outros programas, primou-se pelo enfoque de aspectos humanos, da ação e do trabalho. Conforme dito, da contribuição e articulação com vários colegas de outros programas de pós-graduação, surgiram as bases teórico-metodológicas para o desenho de um Programa que passou a ter, como central, reflexões a respeito dos impactos das chamadas novas tecnologias de gestão nas organizações e nas pessoas que lá trabalham, sejam elas ocupantes de cargos de gestão ou não.

Desse modo, emergiu a ideia de trabalhar com tecnologias de gestão sob a ótica das subjetividades, muito influenciada pela formação de um quadro de docentes que trilhava os chamados paradigmas crítico e interpretativo. O objetivo era fortalecer um programa de pós-graduação em Administração que enfatizasse uma alternativa ao dilema entre estrutura social e ação humana. Daí surgiu o

grupo de pesquisa que permitiu um leque amplo de alianças e conversações entre autores e grupos de pesquisa no Brasil e no exterior.

A partir disso, podemos dizer que se tornou possível um Programa que busca tratar o campo dos Estudos Organizacionais como espaço de reflexão crítica da ação humana em organizações, por meio de temáticas como a economia política do poder, o simbolismo, a aprendizagem, as competências, as políticas de gestão com pessoas, dentre outras. A aula inaugural do Programa, no segundo semestre de 2000, foi ministrada pelo professor Dr. Jean-François Chanlat, à época ligado à École des Hautes Études Commerciales (HEC Montréal), sobre o tema Ciências Sociais e Gestão.

Considerando-se que “o fato nada é sem sua trama” (VEYNE, 2008, p. 43), e que os acontecimentos não são objetos consistentes, substâncias; eles são um corte que realizamos, em que agem e produzem substâncias em interação, homens e coisas, que são núcleos de relações (VEYNE, 2008), nos debruçamos sobre alguns documentos, sobre acontecimentos e sobre as produções do grupo de pesquisa. Assim, pretende-se evidenciar um pouco dessa rede, um pouco dessa trama.

A CONSTRUÇÃO DE UM TERRITÓRIO

O NETES foi constituído com o objetivo de desenvolver atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão na área de Tecnologia de Gestão e Subjetividades sob a ótica das diversas áreas acadêmicas da UFES e por este motivo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Administração.

No entanto, esse Programa e esse grupo de pesquisa foram possíveis no mesmo movimento em que certo território foi sendo produzido. Os fatos não existem isoladamente, a história é uma trama, e é de uma trama que estamos tratando. Algo que não é organizado, necessariamente, de modo cronológico (VEYNE, 2008).

Além disso, "o território é, ele próprio, lugar de passagem" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 132). Não estamos falando de um território ou Programa fechado em si mesmo, mas de uma certa demarcação de sua atuação, de uma definição de certas fronteiras em relação aos estudos a que se propunha e a que ainda se propõe.

O embasamento para as pesquisas ali produzidas são justamente as tecnologias de gestão e subjetividades. Essa temática acabou aglutinando pesquisadores em seu entorno, num processo de construção de um grupo, um processo que

contribuiu para dar visibilidade ao Programa e a seus estudos, e que acabou fomentando trocas entre pesquisadores e disseminando uma cultura de pesquisa no campo da Administração na UFES.

E o que esse território de produção científica e formação de pessoas para docência e pesquisa abriga?

Os pesquisadores não estão preocupados em produzir um “saber sobre” algo. Kastrup, Tedesco e Passos (2008) diferenciam um “saber sobre”, no qual conhecer significa controlar variáveis da realidade, de um “saber com” que acompanha processos evidenciando suas singularidades. Nesse sentido, os estudos realizados no grupo de pesquisa estão muito mais preocupados em produzir um saber que acompanha processos, um saber que acompanha desdobramentos e seus efeitos, procurando evidenciar mais singularidades do que repetições e padrões.

Há uma constante tentativa de fuga da separação sujeito e objeto, assim como, dos modos hegemônicos de representação do que seria considerado “científico”. Isso não significa que não haja preocupação com o rigor, mas o grupo de pesquisadores está aberto a conhecer e utilizar outros modos de fazer ciência.

Desde o início o grupo busca realizar pesquisas e estudos multidisciplinares, por vezes estudos interdisciplinares, tendo em vista que a Administração e os Estudos Organizacionais somente foram e são possíveis devido aos saberes de outras áreas do saber. Sendo assim, essas outras áreas são importantes e necessárias para darmos prosseguimento aos nossos estudos e também para oxigenar nosso campo de pesquisas.

Outro aspecto caro para o grupo de pesquisa é a preocupação em não naturalizar certas categorias, colocando-as em análise, questionando, repensando-as. Ao repensar os modos de funcionamento, de gestão e de trabalho nas organizações, ficou evidente que questões ligadas às subjetividades precisariam ser levadas em consideração.

Guattari (1990) chama o capitalismo de Capitalismo Mundial Integrado (CMI) e diz que este tipo de capitalismo pós-industrial tem como objetivo: “O objetivo do CMI hoje, vem num só bloco: produtivo-econômico-subjetivo” (GUATTARI, 1990, p. 32). Ou ainda:

O advento de novos modos de comunicação, de produção e de controle social implica-se, sem dúvida, também nos processos de reestruturação produtiva e de gestão do trabalho, podendo-se mesmo reconhecer que,

mais uma vez, o capital mundial capitaneia uma importante ruptura, que não só se dá no nível econômico-produtivo das sociedades, mas que inclui seus eixos cultural, político e simbólico (FONSECA, 2002, p.15).

Contudo, os processos de globalização não significam, como às vezes pode parecer, somente uma homogeneização:

Esses processos combinam diferenciação e homogeneização, desmonte de alguns processos identitários e produção de identidades denominadas como mais flexíveis; globalizam alguns processos e localizam outros, combinam uma inusitada liberdade de movimento com sedentarizações (HECKERT, 2004, p. 147).

Assim, o grupo de pesquisa toma as subjetividades como aspecto necessário a ser mais compreendido e investigado, e mais do que isso, aspecto necessário para as pesquisas que ainda seriam desenvolvidas. Com o tempo, ocorre um fortalecimento de certa identidade do grupo em relação ao estudo das subjetividades, uma configuração identitária, provavelmente a mais visível. Importante esclarecer que uma configuração identitária é um território subjetivo, um território no qual o grupo se constrói e habita e no qual há produções coletivas e produções de singularidades.

Deleuze e Guattari (1996) nos lembram que as pessoas temem a perda dos quadros de referência que as constituem, os modelos, as identidades fixas, as certezas. O medo faz as pessoas buscarem modelos e soluções bem definidas e o apelo à ordem e aos valores cristalizados acabam, muitas vezes, produzindo breves sensações de que elas possuem o controle sobre suas vidas.

[...] os sujeitos da contemporaneidade veem-se compelidos a abandonarem sua morada subjetiva, sob a ameaça de serem excluídos e marginalizados do processo histórico. Sua subjetividade, sob forma unificada e racional, que se constituiu como suporte aos valores da modernidade, agora é sacudida como improdutiva, indesejável e superada. Se os modos de trabalhar colocam-se como máquinas de subjetivação – não exclusivas, mas importantes – indagamos a respeito dos sentidos éticos que perpassam essa nova aculturação dos sujeitos, perguntando-nos a serviço de que propósitos se colocam as mudanças emergentes no mundo trabalho (FONSECA, 2002, p. 23-24).

Em meio às mudanças e exigências no mundo do trabalho, podemos pensar que:

Se os dispositivos de controle incidem sobre a subjetividade, fabricando formas capturadas de viver, é na própria subjetividade que precisamos incitar uma potência que escape aos controles, um incontrolável de todo controle. Pois se hoje é sobre as subjetivações que incidem os mais fortes

dispositivos de captura, também é por meio delas que se fazem os mais fortes movimentos de resistência (MACHADO, 2004, p. 171).

No entanto, os estudos com base nas subjetividades não estão limitados a uma visão intimista da subjetividade, vinculada ao aspecto individual e interno, a mais usual em nosso campo. Os estudos tem interesse por subjetividades em vários níveis. Guattari (1990) explica que a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Sendo assim, as perspectivas de investigações são muitas, as possibilidades de enriquecer análises também. Não há uma separação entre sujeito e meio, pois ambos se constituem mutuamente.

No início o grupo agregava pesquisadores de diferentes bases epistemológicas e, portanto, não se pode afirmar que não havia estudos de base funcionalista. No entanto, após anos de pesquisas e investigações, pode-se afirmar que a maioria dos trabalhos desenvolvidos atualmente no âmbito do grupo não são funcionalistas, afirmando uma postura de implicação dos pesquisadores em relação as suas próprias pesquisas e aos efeitos que estas produzem.

Outro aspecto importante a ser pensado em relação ao processo de construção de um território é a pluralidade paradigmática. Tal pluralidade permite uma reconciliação entre as várias agendas perseguidas pelos pesquisadores nos

estudos organizacionais. Kelemen e Hassard (2003) identificam quatro agendas: alguns pesquisadores pretendem criar teorias que controlam e preveem o mundo; outros são movidos por um interesse em compreender como os significados são construídos, negociados e propagados; outros seguem algumas vertentes da ciência crítica, visando emancipar vários grupos de pessoas; e há pesquisadores cuja principal agenda consiste em fornecer soluções práticas para o curto prazo nas organizações. Os autores defendem que para além de algumas tensões entre as diferentes agendas seria importante que se buscassem alguns cruzamentos entre elas.

Nesse sentido, o grupo de pesquisa é permeável à conversação entre paradigmas, não abrindo mão do rigor, mas também não abrindo mão das potencialidades dessas conversações. Além disso, as agendas dos pesquisadores, em diferentes intensidades, contemplam as diferentes agendas identificadas por Kelemen e Hassard (2003). De acordo com Barros e Passos (2009), uma análise de implicação passa a colocar em evidência o jogo de interesses e de poderes encontrados no campo de investigação.

Uma mudança já percebida é que os trabalhos produzidos, inicialmente, eram muito mais de cunho interpretativista e crítico, e atualmente, também há trabalhos sendo desenvolvidos no âmbito do pós-estruturalismo.

A questão do rigor científico aparece quando sabemos que não conseguimos nos abster de nossas ideologias e valores, e que, no entanto, precisamos considerá-las e analisá-las. Também é preciso considerar que toda produção de conhecimento nos implica politicamente. Eis as relações de poder na produção de saberes. Saberes que podem vir a serem considerados verdades inatacáveis – algo corriqueiro no campo dos estudos organizacionais e da administração.

SUBJETIVIDADES CONTESTADORAS

No Brasil, enquanto outras áreas do conhecimento já vinham travando discussões sobre subjetividades há algum tempo, em nossa área, o primeiro esforço é mapeado com o livro “Recursos” humanos e subjetividade. O trabalho é organizado pelo professor João Gualberto Vasconcellos, que viria a compor o primeiro quadro de docentes do grupo de pesquisa, bem como do Programa de pós-graduação, em parceria com o então formando do curso de administração da UFES, Eduardo Davel.

Dessa parceria, surge uma obra seminal no campo da administração no que se trata de gestão de pessoas e subjetividade, prefaciada por Eugène Enriquez e composta por autores como Jean-François Chanlat, Marlene Catarina Lopes de

Melo, Maria Tereza Leme Fleury, Fernando Prestes Motta, Antônia Colbari e Omar Aktouf, dentre outros. Os artigos reunidos para o livro são oriundos de um Ciclo de debates intitulado Seminário Olhares sobre o Futuro – “Recursos” Humanos e Subjetividade, realizado na UFES em abril de 1995, sendo alguns artigos apresentados no próprio seminário e outros artigos convidados para compor o livro. Eis uma explicação dos organizadores do livro que dá o tom das discussões contida neste:

Daremos logo na abertura uma explicação sobre as aspas do “recursos”. Elas devem-se à questão que inspira a reflexão sobre o papel e condição do indivíduo na organização contemporânea. Na maioria dos artigos aqui reunidos, tenta-se fugir de uma preocupação única e central com rentabilidade ou instrumentalidade, visão que reduz o ser humano ao estado de engrenagem ou recurso, para lançar olhares sobre o ser humano subjetivo e complexo que dinamiza o mundo organizacional. Olhar multidisciplinar que incorpora campos do conhecimento até então considerados frequentemente marginais na lógica economicista do mundo da administração. Olhares como o da psicanálise, da antropologia, da sociologia, da psicologia, da filosofia, dentre outros (VASCONCELLOS; DAVEL, 1995, p. 23).

Pode-se dizer que essa obra já é um indício das inclinações e interesses de pesquisa que estavam a rondar o grupo de professores que viria, somente alguns

anos mais tarde, a compor um Programa de pós-graduação em administração e um grupo de pesquisa muito atento às subjetividades.

No ano de 2001 foi lançado o livro *Gestão com pessoas e subjetividade*, desta vez, organizado por Davel e Vergara (2001), no qual as discussões estão voltadas para os modos como a subjetividade interfere na gestão. O que nos faz refletir sobre os estudos que tratam da subjetividade no campo da administração, pois, até então, os estudos ainda se encontravam apenas vinculados à gestão de pessoas.

No entanto, no âmbito do NETES-PPGAdm-UFES, as discussões, pesquisas e estudos começaram a experimentar outras possibilidades para além da gestão dos recursos humanos ou de sua versão atualizada (gestão de pessoas, gestão com pessoas), adentrando em estudos que levam em consideração os aspectos subjetivos em todas as facetas organizacionais e de produção de saberes relacionadas às tecnologias de gestão.

O até então pequeno grupo de pesquisadores idealizou os Seminários de Gestão Organizacional Contemporânea que traziam como alvo de suas discussões e interlocuções as Tecnologias de Gestão e Subjetividades. Atualmente tal fórum de discussões encontra-se em sua 8ª edição e deram origem à publicação de três livros que além de registrarem as discussões acerca do tema, servem como

relevantes fontes de consulta e ensino para aqueles que ao pesquisar levam em conta aspectos subjetivos.

Nos anos de 2001 e 2002 os Seminários congregaram professores convidados de centros de pesquisa de referência nacional e internacional. Os conhecimentos disseminados por cada um dos autores nos seminários foram transformados em capítulos – juntamente com capítulos oriundos de pesquisas do próprio Programa (por ocasião composto de pesquisadores ainda identificados com o NETES) – para compor, em 2004, o livro *Tecnologias de Gestão: por uma abordagem multidisciplinar*. Omar Aktouf, pesquisador identificado como de postura crítica, prefacia o livro chamando a atenção para aspectos que encontrou no decorrer de sua leitura:

Em nível mundial, pode-se compreender os processos de globalização e refletir sobre suas consequências em relação à gestão e à governança; em nível regional e macroeconômico, pode-se restituir ao Estado e às instâncias civis o papel de garantidores dos bons usos dos bens públicos e comuns, como protetores dos excessos do capital privado e das multinacionais; e no nível macro e microeconômico, pode-se parar de tratar as pessoas como recursos e a natureza como um estoque (AKTOUF, 2004).

Nos anos de 2002 e 2004 ocorreram os III e IV Seminários de Gestão Organizacional Contemporânea, imbuídos do mesmo espírito de discussão dos aspectos subjetivos que se encontram imbricados com aspectos de gestão. Tais discussões geraram o volume II do livro *Tecnologias de Gestão: por uma abordagem multidisciplinar*, que também traz a contribuição de outros autores importantes no panorama da gestão juntamente com algumas das pesquisas realizadas no âmbito do PPGAdm-UFES. Desta vez, quem prefacia é Vergara (2007, p.15): "trata-se de uma coletânea provocativa na medida em que, focalizando sobretudo questões subjetivas, leva o leitor docente a repensar suas próprias práticas e outros leitores a refletir sobre suas experiências".

O terceiro volume da série foi composto de discussões de apenas um Seminário, qual seja, o V Seminário de Gestão Organizacional Contemporânea, realizado em 2007 e das próprias produções do Programa, o que demonstra seu fortalecimento e capacidade de articulação com outros programas e pesquisadores, tanto brasileiros, quanto internacionais.

Quem prefacia a obra é o saudoso professor Marcelo Milano Falcão Vieira, que ressalta a relevância da formação de administradores tanto para atuarem na esfera pública, quanto na esfera privada. Para isso, segundo o professor, às instituições de ensino cabe não a mera "transmissão de conhecimento já

elaborado, mas a necessidade de acrescentar pelo estudo, pela reflexão e pela pesquisa a inflexão modernizadora” – preocupação do NETES, “numa construção do novo na administração contemporânea” (VIEIRA, 2012, p. 30).

Importante ressaltar que no terceiro volume da série, o título do livro passa a ser *Tecnologias de Gestão e Subjetividades*: por uma abordagem multidisciplinar, assumindo definitivamente as subjetividades como eixo transversal, predominante, das pesquisas que compõem o grupo. Até então, a palavra subjetividades não constava no título dos volumes I e II.

Ao se construir como um grupo de pesquisas preocupado em investigar aspectos subjetivos e produção de subjetividades no campo das organizações, o núcleo também produz subjetividades, num movimento de produção de conhecimentos menos hegemônicos, menos formatadores, mais questionadores e mais implicados em contribuir para a sociedade em suas múltiplas facetas – e não apenas para a maximização de lucro e aumento de desempenho humano e organizacional.

Pensar diferente e procurar não “encaixar-se” em certas concepções modelizadas, não reproduzir certas práticas, de acordo com Prado Filho e Martins (2007, p. 18), é uma “ação política: transgressão do discurso, resistência ao poder e à prática concreta de liberdade – as três linhas de fuga de Michel Foucault”, indo

contra uma argumentação de que as análises de Foucault apontam para uma “filosofia do desespero” por não deixar saídas ao sujeito. Tais são os esforços e as práticas deste grupo.

São modos de resistir às práticas hegemônicas e massificantes de fazer pesquisa, e de atender a determinadas exigências empresariais. Existem outras demandas em curso na sociedade, demandas urgentes (ou não) que precisam ser atendidas e que, muitas vezes, não são de interesse de certos grupos empresariais.

Ao produzirmos rupturas, ao produzirmos subjetividades contestadoras em forma de novos conhecimentos, novas percepções sobre determinadas tecnologias de gestão, novos olhares para os futuros professores pesquisadores ali formados, estamos contribuindo para a gestão pública, a gestão de outros tipos de instituições que não visam o lucro e também para a gestão de organizações privadas e para a emancipação dos sujeitos. Ou seja, a contribuição vai além da gestão como instância hierárquica e controladora, chegando até a gestão que cada um faz de si mesmo e dos outros, em todos os níveis organizacionais. Uma gestão que circula pelas organizações e entre elas, evidenciando que tudo está conectado e interligado.

SABERES PRODUZIDOS: UM RECORTE

O Núcleo de Estudos em Tecnologias de Gestão e Subjetividades tem como objeto de interesse processos de gestão em que se relacionam dois grandes temas, são eles: Organizações e Subjetividades. O grupo atua de forma interdisciplinar e congrega como membros, docentes, profissionais e alunos de diversas áreas de conhecimento.

Aqui se percebe que o termo multidisciplinar, muito utilizado inicialmente, cedeu espaço para o termo interdisciplinar. O que pode significar isso? O grupo em seus primeiros anos de atuação buscou diferentes olhares acerca de determinados problemas a serem pensados, considerando, inclusive, olhares muitas vezes menosprezados em nosso campo, como Filosofia, Antropologia, Psicologia.

Contudo, talvez a busca pela multidisciplinaridade já se mostre insuficiente para realizar as análises e estudos que alguns problemas pedem e necessitam. Parece que o grupo ou ao menos alguns pesquisadores e certos trabalhos desenvolvidos já buscam a interdisciplinaridade, e mesmo a transdisciplinaridade. Vejamos o que seriam multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Para Passos e Barros (2000), multidisciplinaridade é o movimento de disciplinas que se somam na tarefa de dar conta de um objeto que, pela sua natureza multifacetada, exigiria diferentes olhares; interdisciplinaridade é o movimento de criação de uma zona de interseção entre elas, para a qual um objeto específico seria designado; e no âmbito da transdisciplinaridade os limites entre as disciplinas são perturbados quando se coloca em questão as identidades do sujeito que conhece e do objeto conhecido. Uma disciplina provoca intervenção na outra, produzindo outra relação entre prática e teoria – como se dá esse movimento no campo dos Estudos Organizacionais e da Administração? Ele já estaria começando a provocar perturbações entre os limites das diferentes disciplinas que permitem a emergência dos estudos organizacionais como campo? Os estudos realizados no grupo privilegiam:

a) a investigação de aspectos relacionados às experiências de participação na (re) formulação de políticas públicas, aos atores da sociedade civil na democratização dos processos de gestão das cidades e às pessoas nas organizações;

b) a perspectiva da teoria crítica é utilizada por alguns dos pesquisadores para o entendimento dos fenômenos organizacionais, privilegiando temas como poder, controle, cooperação, solidariedade, marxismo, socialismo, anarquismo e a preferência para a apreensão de dados em espaços organizacionais alternativos

à burocracia, tais como autogestão, economia solidária, gestão social e nas formas substantivas de organização e vida;

c) tendo como pano de fundo a reestruturação produtiva e a mudança organizacional, alguns estudos propõem-se a estudar o Trabalho, levando em conta o contexto em que as situações de trabalho ocorrem. O pressuposto é de que o sujeito trabalhador produz a si mesmo continuamente, num processo de produção de subjetividades e de interação social em diferentes realidades sócio-organizacionais. O olhar é sobre o trabalho humano, individual ou em grupo, sob a perspectiva da transdisciplinaridade, dada a complexidade que o estudo do trabalho exige;

d) outros estudos buscam desenvolver um olhar diferenciado sobre a Administração, pautando-se numa abordagem alternativa à gerencialista hegemônica e convencional, considerando as organizações como produtoras de subjetividade, ao invés de vê-las somente como controladoras da subjetividade, perspectiva tradicional nos estudos organizacionais. O *lôcus* de investigação é a Gestão Pública, tomada como espaço complexo e privilegiado da ação humana, consumada por meio de práticas sociais (re)produtoras de significações culturais simbólicas. Os temas abordados são a ação gerencial na administração pública, seus significados simbólicos, cultura e poder nas organizações públicas,

estratégias e práticas sociais na gestão pública, dinâmicas simbólicas e gestão em organizações-cidades, práticas sociais de gestão na educação pública;

e) alguns estudos dedicam-se a estudar os diversos dispositivos de poder presentes na sociedade contemporânea relacionados com o mundo do trabalho e das organizações, ou seja, as pesquisas visam analisar as diversas formas e dispositivos que envolvem as relações de poder nas organizações, as relações sociais de sexo em espaços laborais, no qual a análise enfoca as relações de poder relacionadas aos dispositivos do Trabalho e da Sexualidade, bem como outros aspectos relacionados à diversidade em espaços organizacionais (portadores de necessidades especiais, raça, etnia, condições socioeconômicas, mulheres, homossexuais). Os estudos também abrangem o consumo e subjetividade, formas e dispositivos de poder nas organizações, relações de trabalho e poder, compreensão dos fenômenos de identificação, categorização social, discriminação e preconceito;

f) com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre as relações entre as práticas cotidianas, algumas pesquisas privilegiam as manifestações simbólicas e os contextos organizacionais. São abordados vários temas no contexto organizacional, tais como simbolismos, relações de poder, cultura, representações sociais, estratégia como prática social e estudos baseados em prática;

g) privilegiando a gestão do Trabalho e as relações de Trabalho, alguns estudos abrangem o simbolismo, identidade e cultura, Trabalho, comprometimento e vínculos, Trabalho e vida cotidiana, Trabalho e a relação saúde-doença e qualidade de vida. O foco das pesquisas é a relação do indivíduo com o trabalho e as demais instâncias de sua vida;

h) outros estudos privilegiam os processos de formação e ensino de Administração, a própria Teoria Organizacional, e diversos aspectos do cotidiano da gestão, sendo que os temas estudados são influenciados por três eixos analítico teóricos, quais sejam: poderes, saberes e produção de subjetividades. Esses estudos buscam discutir e analisar as relações de poder que regulam práticas, a formação e propagação de determinados saberes considerados verdades e a produção de subjetividades envolvida nesses processos.

Ainda sobre os saberes produzidos no grupo, podemos mencionar alguns estudos realizados por ex-alunos que atualmente, são professores pesquisadores de instituições de ensino superior no estado do Espírito Santo, em São Paulo, Bahia e Tocantins.

Um primeiro estudo a ser mencionado trata de uma investigação acerca de uma família e suas representações na construção das práticas cotidianas de gestão em

uma empresa de bebidas. O estudo faz uma reflexão sobre a literatura dominante que prioriza aspectos instrumentalizadores sobre o estudo das organizações familiares e propõe uma outra abordagem, ressaltando aspectos voltados para a dimensão simbólica (WAIANDT, 2005).

Em outro estudo, por meio de um estudo bibliográfico, analisou-se o que é poder na obra de Michel Foucault, evidenciando as contribuições de seu pensamento e contrapondo-as à literatura predominante em nossa área em relação ao poder. O estudo defende que o pensamento de Foucault abre novas perspectivas para diversos campos dos estudos organizacionais, não se restringindo apenas aos estudos sobre poder, ampliando e auxiliando as formas de analisar-se a gestão organizacional (SOUZA, 2004).

Ao analisar o impacto das práticas de gestão de pessoas de uma companhia de energia elétrica o enfoque foi o cotidiano dos trabalhadores. O estudo estabeleceu elos entre políticas macroeconômicas, práticas de gestão de pessoas e as formas dos trabalhadores agirem e se enxergarem no trabalho (FERRARI, 2005).

Com um olhar voltado para a própria universidade e o ensino que fornece, um estudo teve por objetivo compreender a dinâmica em funcionamento em relação às aulas de matemática ministradas pelo Departamento de Matemática para

alunos do curso de administração. A investigação permitiu compreender valores e posturas dos professores de matemática em sua relação de ensino, assim como as expectativas dos alunos em relação a estes profissionais e o contexto em que se deram as relações entre eles ao longo das disciplinas, em nível de universidade e de turmas (IWAMOTO, 2006).

Criticando as doutrinas neoliberais que serviram de orientação para muitas organizações, um estudo voltou-se para uma unidade produtiva de indústria de celulose, investigando as modificações nas estruturas, nos processos e nos perfis apresentados pelos operadores, que vivenciaram um intenso programa de treinamento para atualização em termos técnicos e também para adquirir atitudes que propiciassem um maior engajamento em suas atividades. O resultado desses investimentos políticos disciplinares foi uma brutal produção de subjetividades aliada às modificações da base técnica na fábrica (AMBRÓZIO, 2006).

A compreensão da presença da religiosidade no ambiente de trabalho também foi alvo de estudo. A investigação permitiu constatar que a presença da religiosidade no ambiente de determinada organização interfere no trabalho, em especial nos relacionamentos interpessoais e nas práticas de gestão (PUPIM, 2007).

Um estudo analisou as histórias de vida de sujeitos que buscam espontaneamente o desligamento definitivo das organizações nas quais trabalham, motivados por diversas questões. A pesquisa buscou uma perspectiva crítica sobre as organizações e suas sofisticadas práticas de manipulação e submissão dos indivíduos. A racionalidade instrumental, que prioriza o cálculo utilitário de consequências e a maximização de resultados, foi contraposta ao conceito de racionalidade substantiva, onde a autorrealização, o julgamento ético, os valores emancipatórios e a autonomia são elementos preponderantes (MARGOTO, 2007).

A imigração italiana para o estado do Espírito Santo também foi objeto de pesquisa. Tal pesquisa considerou o discurso da igreja como elemento de coesão de grupo, no qual a Igreja agiu como espaço físico e ideológico no cotidiano desses ítalo-brasileiros. Considerou também o núcleo familiar, que atuava como elemento aglutinador, elo de ligação e de vivência coletiva, a cultura do trabalho e finalmente o sonho de fazer a América, visto como um elemento catalisador, de propulsão para a vida em uma região por eles ainda desconhecida (PANDOLFI, 2007).

Visando ampliar a compreensão e a discussão sobre as propostas relacionadas com a construção de uma cultura corporativa, um estudo debruçou-se sobre uma tentativa de construção de uma cultura corporativa em uma diretoria Regional

da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, a partir das práticas de gestão de pessoas. O estudo identificou construções de compartilhamentos, a partir de ações e intenções organizacionais, assim como, por iniciativa dos atores (SILVA, 2003).

Outro estudo abordou o tema da participação no trabalho no âmbito da Administração Pública, no qual os sujeitos pesquisados foram sete auditores fiscais da receita estadual da Secretaria de Estado da Fazenda do Espírito Santo. Os sentidos subjetivos mais relevantes identificados em cada um dos sujeitos pesquisados frente à participação no trabalho estão associados à visão ideológica de mundo e a necessidade de participação estratégica na instituição; o núcleo familiar, a necessidade de participar de discussões estratégicas que afetem seu setor, e a necessidade de ser respeitada; a autoestima e a necessidade de encarar o controle cultural institucional; a jovialidade, ao novo e a mudança, e também a realização de trabalho em área mais próxima as suas aptidões e habilidades; a busca por desenvolvimento pessoal integral, a reverência às regras formais e, paradoxalmente, a aversão ao controle; a família, especialmente ao filho, e a necessidade de ser reconhecida pelo esforço empregado; a simplicidade e a visão social, representada pela preocupação com a condição social do outro, sentido associado à necessidade de ver valor agregado em seu trabalho (SILVEIRA, 2010).

Um último estudo a ser mencionado aborda a interface subjetividade e competências no campo do trabalho. A partir da investigação das condições de produção do discurso das competências e da análise da produção de subjetividades relacionada a este discurso, buscou-se ampliar a compreensão sobre tal interface. A análise permitiu compreender que a interface subjetividade e competências pode ser pensada como tendo seus limites definidos de acordo com os próprios pontos levantados no estudo: as ideias vinculadas aos enunciados, as conexões com algumas questões relevantes que acompanham o discurso, as práticas e a própria produção de subjetividades (PETINELLI-SOUZA, 2006).

E quais percursos metodológicos tais pesquisas e saberes produzidos no grupo costumam seguir?

PERCURSOS METODOLÓGICOS EXPLORADOS

O grupo de pesquisa privilegia o uso de alguns instrumentos metodológicos. Entretanto, pode-se afirmar que há bastante experimentação e até ousadia em se tratando de metodologias. Martins (2005) já havia chamado atenção para o modo de análise dos fenômenos administrativos. Para o autor, as metodologias de

disciplinas que lidam com o caráter subjetivo da criação humana seriam mais adequadas e exemplifica: etnografia, linguística, sociologia, política, semiologia.

Imbuídos desse espírito, alguns dos métodos usados e instrumentos metodológicos são:

a) dialética, história de vida, teoria fundamentada em dados. As técnicas de apreensão dos dados são levantamento de literatura, entrevistas e observação. As análises são elaboradas a partir de análise de conteúdo e análise crítica do discurso;

b) outros estudos privilegiam uma proposta teórico-metodológica de cunho interpretativista, com reflexos em estudos de natureza qualitativa;

c) também são realizadas pesquisas qualitativas fundamentadas na análise de discurso desenvolvida por Michel Foucault, bem como estudos cartográficos (Cartografia);

d) alguns pesquisadores adotam técnicas qualitativas de produção e análise dos dados, tais como fotografia, grupo focal. E, além das análises do conteúdo e do discurso utilizam a etnografia;

e) Também é utilizada a proposta teórica, epistemológica e metodológica de estudo da subjetividade de Fernando Gonzalez Rey, como o modelo de consciência política para compreensão da participação em ações coletivas de Salvador Sandoval.

O grupo de pesquisa busca forjar instrumentos metodológicos que deem conta dos objetos problemas que são investigados. Para isso, não pode simplesmente seguir protocolos de pesquisa, reduzindo e empobrecendo suas análises.

“O caráter inventivo coloca a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 55).

A aproximação com o campo inclui uma análise do impacto que as cenas vividas e observadas têm sobre a história do próprio pesquisador e sobre o sistema de poder que legitima o instituído, incluindo aí o próprio lugar de saber e poder do perito-pesquisador. Daí os próprios pesquisadores colocarem a instituição pesquisa em análise (PAULON, 2005).

E no caso daqueles que estão atuando no campo dos Estudos Organizacionais e da Administração como professores pesquisadores, a aproximação com o campo

inclui colocar em análise as condições e os efeitos dos saberes e práticas *adm* e relações e poder produzidas, procurando analisar, ao mesmo tempo, nossas próprias implicações (LOURAU, 1990).

Na verdade, a própria organização não deve ser pensada como algo realizado pela preexistência de agentes individuais. Ao invés disso, os próprios agentes, objetos legitimados do conhecimento, devem ser entendidos como efeitos da organização, ou seja, as identidades dos indivíduos (trabalhadores, gestores, proprietários) são construídas em suas múltiplas relações na e com a organização. A aparente solidez e regularidade da realidade social são frutos de realizações humanas (CHIA, 2003).

E em relação à separação sujeito e objeto, o grupo, também com diferentes intensidades entre os pesquisadores, caminha para a não dicotomia entre estes, compreendendo e percebendo que pesquisadores, objetos, sujeitos de pesquisa e campo se constituem no próprio processo de pesquisa, não estando *a priori*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM GRUPO E SUAS LUZES

Vimos ser possível um grupo de pesquisa repensar a si mesmo, seus modos de funcionamento, suas produções em termos de saberes e de subjetividades, ao

mesmo tempo em que potencializa um repensar nos Estudos Organizacionais e no campo da Administração.

Crescer no quantitativo de professores pesquisadores e na visibilidade dentro da academia e da sociedade são aspectos importantes para um grupo inserido no contexto acadêmico brasileiro e internacional. No entanto, esse mesmo processo de crescimento deve ser acompanhado de cuidado e atenção para que não sucumba à estabilização e captura das tentativas de inovação, de ousadia e de crítica.

A institucionalização pode levar à pesquisa da mesmice, à busca pelo publicável, ao atendimento de critérios de determinados *rankings*. Isso é importante, mas não é o que cria o território de atuação de um grupo de pesquisa, não é o que dá liga entre as diferentes pesquisas ali desenvolvidas, tampouco tem a ver com sua postura ético-política.

O problema relativo à participação ativa das pessoas implicadas com uma pesquisa e da interferência dos dispositivos de investigação nos processos observados só pôde ser concebido como um problema de pesquisa com a superação das pretensões de neutralidade e objetividade tão promulgadas pelo paradigma positivista nas ciências (PASSOS; BARROS, 2009). Além disso, se a

gestão e os estudos organizacionais devem ser éticos eles precisam estimular uma pluralidade de vozes, algumas das quais ficarão em oposição aos interesses promulgados pela ciência social positivista (KELEMEN; HASSARD, 2003).

Pudemos neste ensaio realizar uma breve análise de como um território teórico-analítico de pesquisa, um Grupo, se constitui por meio das pessoas participantes e suas identidades. O processo em si de formação é permeado de subjetividades, sendo estas permeadas por uma rede de relações que se estabelecem e se fortalecem, ora pendendo para um campo de estudos correlato e ora pendendo para outros, mas sempre recortada por um campo de valores que estabelece ao final a transversalidade no eixo das pesquisas. Este é ancorado nas subjetividades, em sua diversidade de concepções e leituras a partir de diferentes correntes – levando, cada vez mais, à busca pela transdisciplinaridade.

E, os métodos, a diversidade deles, quem nos apresenta são os objetos. Objetos estes tão imbricados com a ação humana presente na gestão, que se misturam a todo o tempo com os sujeitos, não permitindo aos pesquisadores, trilhar o caminho seguro da “isenção”, tão apregoada como imune e científica.

Outro aspecto que pôde ser colocado em evidência é a importância de investigar aspectos relacionados às subjetividades para além da visão intimista, fazendo ruir algumas das dicotomias tão caras ao nosso campo de trabalho, quais sejam, a ação e a estrutura, e o sujeito que pesquisa e o objeto de estudo.

As subjetividades e o estudo dos processos pedem mais ousadia e caminhos mais fluidos a serem seguidos. O rigor é a prática coerente que deixa o objeto falar e o compreende e o delinea valorizando o contexto. Neste, os aspectos são complexos e múltiplos, e pedem passagem, querendo seguir adiante e pedindo percursos de estudo para além dos protocolos.

O Grupo de estudos pode não ser antigo, como pudemos resgatar neste texto, mas se modificou, cresceu, soube abrir espaços e se consolidou num campo de estudos também em amadurecimento, como o dos estudos organizacionais em administração. Rigor metodológico e ousadia, análise e crítica fazem parte da postura ético-política do grupo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AKTOUF, O. A gestão e a organização contemporâneas: da questão da emancipação do sujeito e da ética até àquela da responsabilidade social da



empresa. In: BIANCO, M. F.; JUNQUILHO, G. S.; WAIANDT, C. (Org.). Tecnologias de gestão: por uma abordagem multidisciplinar. Vitória: Flor&Cultura, 2004. v. 1. p. 15-21.

AMBRÓZIO, A. Analítica das relações de poder inerentes ao processo de reestruturação produtiva da Aracruz Celulose S. A., na década de 1990. 140 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BIANCO, M. F.; JUNQUILHO, G. S.; WAIANDT, C. (Org.). Tecnologias de gestão: por uma abordagem multidisciplinar. Vitória: Flor&cultura, 2004. v. 1. 194 p.

CHIA, R. Ontology: organization as 'world-making". In: WESTWOOD, R.; CLEGG, S. Debating organization: point-counterpoint in organizations studies. Oxford: Blackwell, 2003. p. 98-113.

DAVEL, E. P. B.; VASCONCELLOS, J. G. M. (Org.). "Recursos" humanos e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 1995. 260 p.

DAVEL, E. P. B.; VERGARA, S. C. (Org.). Gestão com pessoas e subjetividade. São Paulo: Atlas, 2001. 320 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Acerca do ritornelo. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4. p. 115-170.

FERNANDES, S. C.; GOMES, E. D. B. F. (Org.). Tecnologias de gestão e subjetividades: por uma abordagem multidisciplinar. Vitória: EDUFES, 2012. v. 3. 446 p.

FERRARI, A. L. S. Neoliberalismo, privatização de gestão e subjetividade: um estudo sobre o cotidiano dos trabalhadores da Escelsa. 111 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

FONSECA, T. M. G. Modos de trabalhar, modos de subjetivar em tempos de reestruturação produtiva. In: FONSECA, T. M. G. (Org.). Modos de trabalhar, modos de subjetivar: tempos de reestruturação produtiva: um estudo de caso. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 13-27.



GUATTARI, F. As três ecologias. Campinas: Papirus, 1990. 56 p.

GUATTARI, F. Heterogênesse. In: GUATTARI, F. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro. Ed. 34, 2008. p. 11-95.

HECKERT, A. L. C. Globalização e os novos mecanismos de controle. In: ABDALLA, M. BARROS, M. E. B. (Org.). Mundo e sujeito: aspectos subjetivos da globalização. São Paulo: Paulus, 2004. p. 143-163.

IWAMOTO, H. M. Uma análise crítica das relações de serviços educacionais: o caso dos docentes de Matemática da Universidade Federal do Espírito Santo. 155 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

JUNQUILHO, G. S.; BIANCO, M. F.; BEHR, R. R.; PETINELLI-SOUZA, S. (Org.). Tecnologias de gestão: por uma abordagem multidisciplinar. Vitória: EDUFES, 2007. v. 2. 299 p.

KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. Políticas da cognição. Porto Alegre: Sulina, 2008. 295 p.

KELEMEN, M.; HASSARD, J. Paradigm plurality: exploring past, present, and future trends. In: WESTWOOD, R. I.; CLEGG, S. (Ed.). Debating organization: point-counterpoint in organization studies. Oxford: Blackwell Publishin, 2003. p. 73-82.

LOURAU, R. Implication et surimplicacion. Revue du MAUSS – Mouvement Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales, Paris, n. 10, 1990.

MACHADO, L. D. Capitalismo e configurações subjetivas. In: ABDALLA, M. BARROS, M. E. B. (Org.). Mundo e sujeito: aspectos subjetivos da globalização. São Paulo: Paulus, 2004. p. 164-172.

MARGOTO, J. B. Histórias de vida e de escolha: a racionalidade substantiva como o fio condutor para uma nova forma de ocupação. 131 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

MARTINS, P. E. M. Administração brasileira: uma disciplina em construção. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Org.). Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 11-28.

PANDOLFI, R. Imigração Italiana no Espírito Santo e a construção de um capital simbólico: uma reflexão sobre os empresários em Colatina. 121 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 1, páginas, jan./abr. 2000.

PASSOS, E; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PAULON, S. M. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 18-25, set./dez. 2005.

PETINELLI-SOUZA, S. Análise da interface subjetividade e competências no campo do trabalho. 102 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) –

Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

PRADO FILHO, K.; MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 14-19, set./dez. 2007.

PUPIM, G. T. A presença da religiosidade no ambiente de trabalho: um estudo de caso. 117 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

SILVA, A. R. L. Cultura em organizações: um estudo de caso sobre o discurso corporativo. 170 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2003.

SILVEIRA, R. Z. A vida na fazenda: sentidos subjetivos do servidor fazendário frente à participação no trabalho. 117 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

SOUZA, E. M. Contribuições de Foucault à temática da gestão e subjetividades: uma análise sobre poder. 191 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

VASCONCELLOS, J. G. M.; DAVEL, E. P. B. As múltiplas dimensões organizacionais. In: DAVEL, E. P. B.; VASCONCELLOS, J. G. M. de. (Org.). “Recursos” humanos e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 23-30.

VERGARA, S. C. Prefácio. In: JUNQUILHO, G. S.; BIANCO, M. F.; BEHR, R. R.; PETINELLI-SOUZA, S. (Org.). Tecnologias de gestão: por uma abordagem multidisciplinar. Vitória: EDUFES, 2007. v. 2. p. 15-16.

VEYNE, P. M. Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história. 4. ed. Brasília: UnB, 2008. 285 p.

VIEIRA, M. M. F. Prefácio. In: FERNANDES, S. C.; GOMES, E. D. B. F. (Org.). Tecnologias de gestão e subjetividades: por uma abordagem multidisciplinar. Vitória: EDUFES, 2012. v. 3. p. 27-30.

UFES. Extrato de Ata. Ata da sétima reunião do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo. 28 nov. 2001.

WAIANDT, C. Do pai ao irmão representações familiares em transição: a experiência de uma empresa capixaba de refrigerantes. 202 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

Produzindo outras subjetividades nos estudos organizacionais brasileiros

Resumo

O artigo trata da história de grupo de pesquisa, o NETES (Núcleo de Estudos em Tecnologias de Gestão e Subjetividades), que desde o início das suas atividades teve como embasamento para as suas pesquisas as tecnologias de gestão e as subjetividades. Para acessar a trajetória do grupo nos debruçamos sobre alguns documentos, sobre acontecimentos e sobre as próprias produções do grupo de pesquisa. Foi realizado um resgate de obras fundamentais sobre tecnologias de gestão e subjetividades. Também foram evidenciados os saberes produzidos no grupo de pesquisa, como estudos realizados por ex-alunos que atualmente, são professores e pesquisadores e alguns temas que são considerados importantes no âmbito do grupo. O grupo vem afirmando certas posturas em relação aos conhecimentos produzidos e em relação aos métodos e instrumentos metodológicos utilizados. Rigor metodológico e ousadia, análise e crítica fazem parte da postura ético-política do grupo de pesquisa.

Palavras-chave

Tecnologias de gestão; Subjetividades; Grupo de Pesquisa; NETES.

Engendering other subjectivities in Brazilian organizational studies

Abstract

This paper deals with the history of the research group, the NETES (Center for Studies in Technology Management and Subjectivities), that since the beginning of its activities had as foundation for their research management technologies and subjectivities. To access the trajectory of the group went through the some documents, on events and own productions of the research group. A ransom of fundamental works on management technologies and subjectivities was held. The knowledge produced by the research group, as studies by former students who currently are research professors and topics that are considered important within the group were also observed. The group has said certain postures in relation to knowledge produced and the methods and methodological tools used. Methodological rigor and daring, analysis and criticism are part of the ethical-political attitude of the research group.

Keywords

Management Technologies; Subjectivities; Research Group; NETES.

Producindo otras subjetividades en estudios organizacionales brasileños

Resumen

El artículo trata de la historia del grupo de investigación, los NETES (Centro de Estudios en tecnologías de gestión y subjetividades), que desde el inicio de sus actividades tuvo como base para sus investigación las tecnologías de gestión y las subjetividades. Para acceder a la trayectoria del grupo fue a través de los algunos documentos sobre los acontecimientos y sobre sus propias producciones del grupo de investigación. Se llevó a cabo un rescate de obras fundamentales sobre las tecnologías de gestión y las subjetividades. También se observaron los conocimientos producidos por el grupo de investigación, como los estudios por los ex alumnos que actualmente son profesores y investigadores y los temas que se consideran importantes dentro del grupo. El grupo ha dicho ciertas posturas en relación con el conocimiento producido y los métodos y las herramientas metodológicas utilizadas. El rigor metodológico y osadía, el análisis y la crítica son parte de la postura ético-política del grupo de investigación.

Palabras clave

Tecnologías de gestión; Subjetividades; Grupo de Investigación; NETES.

Autoria

Susane Petinelli-Souza

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: susipetinelli@gmail.com.

Monica de Fátima Bianco

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo. Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: mfbianco@ig.com.br.

Endereço para correspondência

Susane Petinelli-Souza. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Departamento de Administração, Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, ES, Brasil. CEP: 29075-910. Telefone (+55 27) 40097725.

Como citar esta contribuição

PETINELLI-SOUZA, S.; BIANCO, M. F. Produzindo outras subjetividades nos estudos organizacionais brasileiros. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, n. 1, p. 239-285, jun. 2014.

Contribuição Submetida em 18 ago. 2014. Aprovada em 18 ago. 2014. Publicada online em 4 set. 2014. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 1 | N. 1 | JULHO | 2014 | ISSN: 2358-6311